

O EVANGELHO DE SARAMAGO E UMA SOBREVIDA TERRENA PARA JESUS CRISTO

SARAMAGO'S GOSPEL AND AN EARTHLY LITERARY SURVIVAL FOR JESUS CHRIST

Juliana Prestes de OLIVEIRA*

UFSM

Amanda Laís Jacobsen de OLIVEIRA**

UFSM

* Mestre em Letras-Literatura pelo PPGLetras da UFSM. E-mail: jprestesdeoliveira@gmail.com

** Doutoranda no PPGLetras da UFSM, bolsista Capes. E-mail: amandajacobsen.o@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa a investigar a obra *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2005) em relação ao modo como José Saramago configura o narrador do seu romance e como a perspectiva desse narrador contribui para a figuração e sobrevivida da personagem Jesus Cristo. Para isso, utilizaremos a teoria de Mikhail Bakhtin sobre o plurilinguismo, a de Ansgar Nünning acerca da focalização e perspectivas dentro do romance, a de Gérard Genette sobre os tipos de narradores e, principalmente, a de Carlos Reis sobre a sobrevivida e figuração das personagens. Através desses pressupostos, percebemos que o narrador é ausente como personagem da história, mas que ele é a fonte que garante e organiza a narrativa, analisa e comenta tanto a história quanto o próprio discurso. Por meio disso temos uma nova leitura do protagonista – diferente de todas as tradicionalmente conhecidas até então, em especial aquelas advindas de dogmas religiosos – que alimenta a sobrevivida da personagem. Desse modo, percebemos que o plurilinguismo configurado na obra ativa a sobrevivida do protagonista.

Palavras-chave: José Saramago. Jesus Cristo. Sobrevida. Narrador.

Abstract: This work investigates *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2005) in the way José Saramago sets up his novel's narrator and how this narrator's perspective helps the literary survival of character Jesus Christ. Thus, we use Mikhail Bakhtin's plurilinguism theory, Ansgar Nünning's about focalization and perspectives within the novel, Gérard Genette's about narrators' types and, first of all, Carlos Reis' about characters literary survival and figuration. Therefore, we notice an absent narrator as character in the story, however, he/she is who guarantees and arranges the narrative, analyzes and comments the story as well as the discourse itself. Hence, we find a new interpretation of/about the protagonist, different of all those traditionally met so far (especially in religious dogmas). An interpretation that feeds into the character literary survival. This way we notice the plurilinguism within the work sets the protagonist's literary survival up.

Keywords: José Saramago. Jesus Christ. Literary survival. Narrator.

Introdução

Uma narrativa, para ser construída, necessita de uma história – os acontecimentos propriamente ditos, fantasiosos ou não, implicados em uma lógica de causa e consequência e dependentes, em geral, da atuação das personagens. Sobre tal história recai o nível do discurso – a linguagem utilizada, os modos narrativos, a ordem temporal, o posicionamento do narrador *etc.* O discurso narrativo é elaborado de diversas maneiras e pode aproveitar distintas vozes e perspectivas, o que amplia os horizontes semânticos do texto, a complexidade do seu conteúdo.

Ao pensar nisso, somos levados a observar as diversas camadas do texto, principalmente quando se trata da voz e perspectiva do narrador e das personagens. E, quando se trata de narrador e personagens, um dos escritores que nos chamam a atenção, particularmente, devido ao modo como constrói essas figuras, é o escritor português José Saramago. Dentre as obras dele, a escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2005).

Tal escolha se deu devido ao modo como o enredo é construído, na relação entre narrador e protagonista e suas perspectivas, para os discursos que estão entrelaçados à trama e para a figuração do Jesus Cristo saramaguiano. Dentre as vozes que aparecem no romance de José Saramago, escolhemos a do narrador, uma vez que esse é complexo e merece particular atenção, e a do protagonista, para examinar como a manipulação do foco contribui para o delineamento de Jesus Cristo, e para qualificar a relação entre narrador e personagem na escrita de ficção.

A partir desses pressupostos, investigaremos o modo como Saramago configura o narrador do seu romance e como a perspectiva desse narrador contribui para a figuração do seu Jesus Cristo, uma vez que “[a] importância de detectar o autor da fala em certos momentos de uma narrativa está relacionada [...] à própria compreensão do texto, pois a relevância do discurso está diretamente ligada à autoridade de seu enunciador” (D’ONOFRIO, 2007, p. 55).

Teorias norteadoras

Mikhail Bakhtin já atentava aos aspectos das múltiplas vozes e perspectivas, caracterizando a essência do gênero romanesco como plurilíngue: nele há “[o] discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens” (BAKHTIN, 2010, p. 74) e “[c]ada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações” (BAKHTIN, 2010, p. 74). Tais “[...] diferenças se exprimem correntemente por variações modais” (GENETTE, 1995, p. 159) que conduzem e apresentam a história, segundo variados pontos de vista. Ainda que Genette, diferentemente de Bakhtin, esteja mais preocupado com

os aspectos formais da narrativa, seus pressupostos sobre as modalizações do discurso conforme a focalização do narrador são bastante elucidativos. Segundo o autor,

[...] pode-se contar *mais ou menos* aquilo que se conta, e contá-lo *segundo um ou outro ponto de vista*; e é precisamente tal capacidade, e as modalidades do seu exercício, que visa a nossa categoria do *modo narrativo*: a <<representação>>, ou mais exactamente, a informação narrativa tem seus graus; a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos pormenores, e de forma mais ou menos directa, e assim parecer [...] manter-se a maior ou menor *distância* daquilo que conta; pode, também, escolher o regulamento da informação que dá, já não por essa espécie de filtragem uniforme, mas segundo as capacidades de conhecimento desta ou aquela das partes interessadas na história [...] da qual adoptará ou fingirá adoptar aquilo a que corretamente se chama a <<visão>> ou o <<ponto de vista>> (1995, p. 160, grifos do autor).

Para que a narração da história seja conduzida e os graus de informação sejam fornecidos ao leitor, faz-se necessária a presença de um narrador, é ele quem escolhe o que será revelado e o modo como isso será feito, tecendo a trama de acontecimentos. Simplificadamente, um narrador pode contar uma história da qual não fez parte (heterodiegético), ou pode contar uma história da qual participou (homodiegético) ou mesmo foi protagonista (autodiegético) (GENETTE, 1995).

Ciente disso, é possível estabelecer as relações existentes entre narrador, enredo e personagens, o que auxilia na compreensão da importância e da qualidade da sua voz para a construção de sua visão do mundo e da visão de cada personagem. Por isso, ao analisarmos o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2005), de José Saramago, atentaremos para como o protagonista foi construído.

Se um narrador relata uma história, ele também a organiza de acordo com a sua própria perspectiva, e, por meio disso, revela, nas entrelinhas, a sua percepção do mundo. Assim como o narrador projeta, de maneira mais ou menos clara, sua visão do mundo, as personagens também são capazes de, por meio da sua voz, mostrarem-se como seres pensantes e manterem uma perspectiva singular acerca do mundo à sua volta. Claro, é preciso ter ciência de que cada um, narrador e personagem, pertence a um dos níveis da narrativa, níveis que, no entanto, se inter-relacionam.

Um importante teórico da chamada narratologia pós-clássica, o alemão Ansgar Nünning, também compreende que a focalização não está condicionada apenas ao narrador ou à personagem, mas que oscila entre ambos, e a relação estabelecida entre as distintas perspectivas é o que lhe interessa. Para o autor

Uma perspectiva da personagem poderia [...] ser definida como um sistema ficcional individual de pressupostos ou de uma cosmovisão subjetiva – a soma de todos os modelos de mundo construídos por ele ou por ela, a respeito dos outros e dele/dela mesmo(a). A perspectiva da personagem é regulada pela totalidade de conhecimentos e conjunto de crenças de um indivíduo, suas intenções, traços psicológicos, atitudes, posição ideológica e sistema de normas e valores internalizados [...]. Resumindo, essa perspectiva engloba tudo que existe na mente da personagem (2001, p. 211, tradução nossa).¹

Em relação ao narrador, Nünning afirma que

o conceito de perspectiva do narrador pode ser definido como um sistema de pressupostos ou cosmovisão da instância narrativa [...]. Assim como para cada personagem, o leitor pode construir uma perspectiva individual para o narrador ao atribuir idiosincrasias psicológicas, atitudes, normas e valores, um conjunto de propriedades mentais e um modelo de mundo à voz que profere o discurso (2001, p. 212-213, tradução nossa).²

Das relações entre as perspectivas das personagens e do(s) narrador(es) é que resulta o que aqui chamamos em português, com base nas definições de Nünning, de “perspectiva estruturante”³, que resulta na pluralidade de mundos subjetivos, de significados do texto e depende da resposta do leitor para ser coordenada. Quanto mais diversificadas forem as perspectivas em seu conteúdo psicológico e ideológico, as aproximações e afastamentos entre elas, mais complexa será a perspectiva resultante. Além disso, “a seleção e disposição de perspectivas permite-nos analisar sua dimensão, distribuição e configuração em uma determinada obra”⁴ (NÜNNING, 2001, p. 216, tradução nossa).

A fim de compreender como se dão as relações entre as perspectivas e a diferença entre os tipos de perspectiva estruturante, Nünning (2001, p. 216-217, tradução nossa) propõe quatro critérios: 1) o grau de ênfase, ou o foco dado a cada perspectiva individual; 2) a existência e/ou ausência de uma hierarquia de perspectivas; 3) “o grau em que a perspectiva do narrador é individualizada e se a instância narrativa coordena as diversas perspectivas e as integra em uma cosmovisão unificada”⁵; 4) e, como uma ampla gama de perspectivas não resulta em um sistema aberto, “o grau de homogeneidade ou intersubjetividade exposto pelas diversas perspectivas”⁶. Critérios esses que, para fundamentarem a construção de significados, exigem a consciência compreensiva e a coordenação do leitor.

Com isso, Nünning permite resgatar o viés ideológico pressuposto na abordagem bakhtiniana, reforçando, por meio da sua teoria da focalização, o reconhecimento da diversidade de linguagens, discursos e vozes que podem sustentar o romance, tornando-o mais dialógico.

¹ A character-perspective could thus be defined as an individual's fictional system of preconditions or subjective worldview – the sum of all the models he or she has constructed of the world, of others, and of herself. A character-perspective is governed by the totality of an individual's knowledge and belief sets, intentions, psychological traits, attitudes, ideological stance, and system of values and norms that have been internalized [...]. In short, it embraces everything that exists in the mind of a character (NÜNNING, 2001, p. 211).

² [...] the concept of narrator-perspective can be defined as the system of preconditions or the subjective worldview of a narrating instance [...]. Just as for each character, the reader can construe an individual perspective for the narrator, by attributing to the voice that utters the discourse psychological idiosyncrasies, attitudes, norms and values, a set of mental properties, and a world-model (NÜNNING, 2001, p. 212-213).

³ “Perspective structure” (NÜNNING, 2001). A escolha da expressão em

A consciência dessa variedade de pontos de vista nos permite traçar melhor as ideologias e apreciações axiológicas existentes no romance. O discurso romanesco entrelaça essas variedades “[...] em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos” (BAKHTIN, 2010, p. 86). Desse modo, a aproximação da teoria de Ansgar Nünning e Bakhtin se mostra pertinente para desvendarmos a relação construída entre o enredo e o contexto social, político e histórico a que pertence a obra, e as críticas nela implicadas.

Ao identificarmos como se dá a narração do romance, a origem e a qualidade das perspectivas enfatizadas no texto, fica mais fácil compreendermos as intenções e contextos nele evocados. Como explica Bakhtin, cada palavra carrega intenções e remete a palavras de outrem, daí a tensão axiológica resultante. A partir dessa abertura para a diversidade é que o plurilinguismo romanesco explora as relações linguístico-ideológicas, relativizando os mais diversos discursos, principalmente aqueles tidos como oficiais e correntes.

O modo como agem as personagens e a instância narrativa é essencial para que seja percebida a sua posição frente ao mundo. De acordo com Bakhtin, principalmente no que diz respeito ao herói do romance, ou, neste caso, ao protagonista, essa ação sempre é “[...] sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico [...] ele tem sua própria concepção do mundo, personificada na sua ação e em sua palavra” (BAKHTIN, 2010, p. 137). Por isso, para que haja a compreensão dos discursos de outrem, não podemos deixar de analisar os procedimentos de elaboração desses, as relações, níveis e conflitos existentes entre quem narra e quem vive a história.

Para pensarmos o diálogo entre textos e seus contextos, especificamente no caso do romance em estudo, que reconfigura pessoas literárias conhecidas, nas suas respectivas tradições, consideramos pertinente acrescentar às nossas reflexões as concepções de sobrevida e figuração da personagem, acionadas por Carlos Reis:

[...] a personagem compreende, [como a narrativa ficcional em geral, uma dimensão transhistórica que escapa ao controle e que vai além do projeto literário de quem a concebeu. [...] a refiguração pela imagem de personagens literárias favorece efeitos de leitura desdobrados, uma vez que aquela refiguração é, em simultâneo, uma releitura de um texto verbal e uma descoberta de aspectos insuspeitados das ditas personagens. [...] toda a caracterização de personagem motiva um preenchimento de vazios; esse preenchimento de vazios torna-se premente em atos transnarrativos e trans-literários a imagem [...]. um tal preenchimento consente e de certa forma requer, para que a refiguração se efetive, um tempo de suspensão da naratividade: a personagem é, então, ponderada como objeto artificialmente estático (REIS, 2014, p. 46).

português não é de tradução nossa. Baseia-se no artigo “Perspectivas estruturantes: contribuições da narratologia pós-clássica para o estudo da focalização narrativa”, de Raquel Trentin de Oliveira, publicado na Revista da Anpoll, n. 41, p. 107-117, Florianópolis, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/984>>. Acesso em: 26 de out. de 2017.

⁴ “[...] the selection and arrangement of perspectives allow us to analyze the scope, distribution, and configuration of perspectives in a given work” (NÜNNING, 2001, p. 216).

⁵ “[...] the degree the narrator-perspective is individualized, and whether the narrative instance coordinates the various perspectives and integrates them into a unified worldview” (NÜNNING, 2001, p. 217).

⁶ “[...] the degree of homogeneity or intersubjectivity that the various perspectives display” (NÜNNING, 2001, p. 217).

No momento em que Saramago transforma uma figura bíblica em personagem, acaba criando uma nova *persona* ficcional, por mais que mantenha certas particularidades do original. Naturalmente, tal figuração depende da leitura realizada por Saramago e está aberta a novas reconfigurações. É nesse sentido que Carlos Reis define *sobrevida*, ainda que esteja pensando também e mais especificamente na comunicação entre o texto verbal e outras mídias:

[...] o que fica das personagens quando encerramos a leitura da narrativa? E qual o modo ou modos de ser desse *resto* que conservamos? Têm as personagens vida para além dos limites (limites artificiais e porosos, é certo) do universo ficcional? Podemos falar a esse respeito de uma *sobrevida* das personagens? E se for o caso, em que medida essa *sobrevida* vai além dos atos interpretativos de uma leitura convencional que *concretiza* o texto? [...] até que ponto outros meios [...] que não o texto verbal escrito, contribuem para tal *sobrevida*? [...] Que processos de figuração e de refiguração intervêm na constituição de uma personagem e, derivadamente, na afirmação da sua *sobrevida*? (2014, p. 47, grifos do autor).

Esse questionamento leva a pensar não só nas personagens enquanto parte do romance em estudo, mas também no que morre e no que sobrevive delas na leitura feita de suas trajetórias biográficas. A comparação entre o “velho” e o “novo” desafia a curiosidade do leitor e do próprio autor, uma vez que de ambos é exigida uma leitura dinâmica e aberta para múltiplas perspectivas.

Segundo Carlos Reis (2014), as personagens surgem para os autores com um objetivo, projetadas para um final transficcional e transliterário, não dominado totalmente, o que resulta na noção de *sobrevida*. As personagens possuem certa autonomia, uma lógica íntima relativamente independente. Com esse pensamento, verificamos que a ideia de que as personagens são construtos abstratos de papel e a preocupação de Genette apenas com o discurso e a narração, deixando a personagem de fora de sua análise, são, em última instância, restritivos da complexidade do texto e das pessoas ficcionalizadas; até porque são as personagens que carregam em si a temporalidade humana representada na narrativa.

O conceito de figuração utilizado por Carlos Reis (2014, p. 52) “[...] designa um processo ou conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais, de natureza e de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais personagens interagem”. Ele ainda acrescenta que

[...] a figuração é dinâmica, gradual e complexa. Isto significa três coisas: que normalmente ela não se esgota num lugar específico do texto; que ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa; e que, por aquela sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no

sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante. [...] a figuração não é simplesmente um outro modo de entender a convencional caracterização, sendo antes um processo mais amplo, englobante e consequente (REIS, 2014, p. 53).

Para o entendimento da figuração dos personagens é preciso atentar para os dispositivos discursivos, de ficcionalização e de conformação acional ou comportamental, pontos que são percebidos por meio da análise da voz e da perspectiva da personagem, da sua caracterização física, mental e actancial, das relações com outras personagens, do confronto entre seu ponto de vista e o do narrador.

No romance de José Saramago, o protagonista “ganha, em relação à figuração original, uma vida própria, que a fenomenologia da leitura contempla, no quadro da vida da obra literária” (REIS, 2014, p. 57). Desse modo, “[...] a personagem prevalece sobre a ficção e vive uma vida para além dela, ou seja, uma sobrevida” (REIS, 2014, p. 58). Essa sobrevida é o que tentaremos caracterizar ao examinarmos o comportamento de Jesus Cristo, personagem saramaguiana.

A sobrevida da personagem

No início do romance, o narrador expõe o modo como José e Maria viviam, revelando sua vida simples e comum, com hábitos iguais aos das demais pessoas que no local habitavam:

Viviam José e Maria num lugarejo chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, na região da Galiléia [sic], em uma casa igual a quase todas, como um cubo torto feito de tijolos e barro, pobre entre pobres. Invenções de arte aquitectónica, nenhuma, apenas a banalidade uniforme de um modelo incansavelmente repetido. Com o propósito de poupar alguma coisa nos materiais, tinham-na construído na encosta da colina, apoiada ao declive, escavado pelo lado de dentro, deste modo se criando uma parede completa, a fundeira (SARAMAGO, 2005, p. 20).

Nessas apresentações começam a residir as diferenças dessas personagens em relação à sua participação no texto bíblico, uma vez que, apesar de conhecermos na Bíblia um José de Arimateia, não temos acesso aos detalhes de sua morada e, muito menos, descrições desses pormenores que caracterizam a vida e a existência humanas. No texto de Saramago, conhecemos um José e uma Maria que, assim como todos nós, seres humanos, dependem da satisfação das necessidades básicas, tais como saciar a fome e ir até o banheiro – o que pode causar um choque ao leitor que, no texto bíblico, vê ocultados tais detalhes que tornam essas personagens mais humanas do que divinas. A fim de exemplificar, vale citar longamente:

A frincha da porta fazia parte da casa, como as paredes ou o tecto, como o forno ou o chão de terra apisoada. Em voz baixa, para não acordar a mulher [Maria], que continuava a dormir, [José] pronunciou a primeira bênção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituís, viva e constante a minha alma (SARAMAGO, 2005, p. 14).

[José] Só tornou a acordar quando o galo cantou. A frincha da porta deixava passar uma cor grisalha e imprecisa, de aguada suja. [...] José sentou-se na esteira, afastou o lençol, e nesse momento o galo cantou uma segunda vez [...]. José, perplexo, olhou o vulto da mulher, estranhando-lhe o sono pesado, ela que o mais ligeiro ruído fazia despertar, como um pássaro [...]. Estará mal, pensou, mas eis que um sinal de urgência o distraiu da preocupação incipiente, uma instante necessidade de urinar [...]. Levantou-se, cauteloso, para evitar que a mulher desse pelo que ia fazer, pois escrito está que por todos os modos se deve preservar o respeito de um homem, só quanto de todo em todo não for possível, e tendo aberto devagar a porta que rangia, saiu para o pátio. [...] Encaminhou-se para um alpendre baixo, que era a barraca do jumento, e aí se aliviou, escutando com uma satisfação meio consciente, o ruído forte do jacto de urina sobre a palha que cobria o chão (SARAMAGO, 2005, p. 16).

Enquanto isso, na Bíblia e na tradição religiosa, José e Maria aparecem não por suas ações e características mundanas, mas sim pelo toque divino a eles atribuído, quando Deus e o Espírito Santo destinam a ela o Seu filho prometido. Podemos observar nos versículos de 26 a 35, capítulo 1, do Evangelho segundo São Lucas:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia [sic], chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando, o anjo disse-lhe: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.” Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação.

O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontrei graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi [...] Maria perguntou ao anjo: “Como se fará isso, pois não conheço homem?” Respondeu-lhe o anjo: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus (Lc 1.26-35).

Outro exemplo bastante significativo das atribuições simbolicamente terrenas/mundanas às personagens é a narração do ato sexual que acontece entre José e Maria, pela qual, segundo a voz do narrador, Jesus é concebido. Por meio disso, uma das principais características de Jesus, que é a sua concepção por intermédio do Espírito Santo, que anunciou à Maria que ela

engravidaria, mesmo sendo virgem, é rompida, pois ele foi concebido através do método natural e não divino. No texto bíblico, encontramos:

Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: “José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados” [...]. Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus⁷ (Mt 1.18-25).

Ao passo que, na história de Saramago, José e Maria se entregam ao ato sexual não apenas por sua finalidade reprodutora, como também encontrando nele prazer. Ademais, o narrador não apenas atribui a concepção de Jesus ao ato carnal humano, como também destaca a ausência de Deus no momento referido (presença importante na concepção bíblica e sagrada de Jesus), da mesma forma como, por meio da ironia ao final do excerto, expõe a condição nada anormal ou incomum daquela relação sexual. Aqui, para este narrador, José e Maria são sagrados não porque tocados pelo Espírito Santo, mas sim por terem a possibilidade de gerar uma criança – o que os aproxima de todos os outros casais humanos, igualmente sagrados:

Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, [...] e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente *sagrada* de José se derramou no *sagrado* interior de Maria, *sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida* [...] Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde [sic] ouvir o som agônico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir [...]. Ora, a estas alturas, Deus já nem no pátio devia estar, pois não tremeram as paredes da casa, não desabaram, nem a terra se abriu (SARAMAGO, 2005, p. 19, grifo nosso).

O mesmo acontece com o nascimento de Jesus, que é narrado em comparação ao nascimento de qualquer ser humano: “O filho de José e Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso

⁷ Temos consciência da existência de outras interpretações e leituras variadas do texto bíblico (principalmente quando considerado como texto literário), que entendem a condição de Maria como virgem sob outros aspectos que não a falta de relação sexual primeira entre ela e o marido. No entanto, para os fins da nossa abordagem que observa a sobrevida de Jesus Cristo, nos é oportuno considerar aqui as leituras mais tradicionais realizadas no âmbito religioso, que consideram Maria em sua pureza, consequência de ter engravidado mesmo ainda virgem. Essa abordagem, portanto, mantém-se também com relação à outras passagens bíblicas, nas quais procuramos identificar essas leituras mais tradicionais, perpetuadas também no meio social pelo senso comum.

das suas mucosidades e sofrendo em silêncio” (SARAMAGO, 2005, p. 65, grifo nosso). Nesse trecho, a passagem destacada em *itálico* enfatiza novamente essa vida humana que o narrador confere à personagem, dando-lhe uma refiguração em relação ao Jesus da Bíblia, aquele que nós conhecemos ou construímos a partir do discurso religioso, por meio do contraste entre a nossa perspectiva sobre ele e a perspectiva do narrador sobre a personagem. O contraste pode ser percebido com a apresentação bíblica do mesmo nascimento, presenciada como um acontecimento sagrado significativo, anunciado pelos anjos e testemunhado por outros como o nascimento do Salvador. Vejamos como, por ocasião do recenseamento:

Também José subiu da Galiléia [...] para se alistar com a sua esposa Maria, que estava grávida.

Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Havia nos arredores uns pastores [...]. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: “Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo: hoje nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura.” [...] Foram [os pastores] com grande pressa e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura (Lc 2.4-17).

Dessa forma, nos deparamos com uma nova leitura da figura de Jesus, a de alguém mais humano, como podemos perceber no trecho em que ele está sendo amamentado, remetendo, uma vez mais, àquelas necessidades humanas já mencionadas anteriormente: “[...] Jesus, dizíamos, suspirou com *deliciada satisfação*, sentindo na face o suave peso do seio, a humidade da pele ao contacto doutra pele. A boca encheu-se do sabor adocicado do leite materno” (SARAMAGO, 2005, p. 69-70, grifo nosso). Este trecho, então, expressa inclusive prazer por parte do pequeno Jesus, ao satisfazer a fome e, além disso, ao sentir o toque aconchegante da mãe. Tais ações estão ausentes na Bíblia, provavelmente porque tornam tanto Jesus como Maria, principalmente na relação e no ato bastante corriqueiro entre mãe e filho, demasiadamente humanos. Desse modo, caso vasculhemos os evangelhos do Novo Testamento, não encontramos momentos como tais: em Mateus, após o nascimento de Jesus, a visita dos pastores e o encaminhamento do menino ao templo, encontramos já a fuga para o Egito e o seu batismo (sendo que Jesus era grande o suficiente para ter consciência de seus atos); em Marcos, vemos logo de início o mesmo batismo; João tampouco mostra-nos algo semelhante; e, por fim, Lucas (2.39-40) nos informa, após o nascimento e apresentação ao templo, que “voltaram para a Galiléia, à sua cidade de Nazaré. O menino ia crescendo e se fortificava: estava cheio de sabedoria,

e a graça de Deus repousa nele”, o que volta a intensificar o caráter sagrado em razão da benção de Deus recebida por Jesus.

No decorrer do enredo de Saramago, aquela lacuna existente a respeito da infância de Cristo é preenchida pela voz do narrador, principalmente quando relata as atividades de engatinhar, tentar ficar em pé e caminhar, as tentativas de pronunciar as primeiras palavras, as artimanhas que utilizará para pedir água ou comida. Mesmo aos olhos da mãe, Jesus não apresentava nada de divino, por mais que ela procurasse – instigada pela visita de um mendigo, o qual ela acreditava ser um anjo, que anunciou uma profecia em relação a Jesus – ele ainda era “normal”: “Maria olha o seu primogênito, que por ali anda engatinhando *como fazem todos os crios humanos* na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais do que *uma criança igual às outras* (SARAMAGO, 2005, p. 103, grifo nosso). Até seu nome era comum naquela região em que viviam, retomando a proximidade dele com o ser comum/ser humano e não divino.

Por meio de tais passagens, percebemos que Saramago parece ficcionalizar a noção de sobrevida projetada por Carlos Reis. A personagem Jesus está despreendida daquela imagem original, pois, apesar de ainda ter algumas ligações com a história bíblica e estar no mesmo local que o Jesus conhecido por nós, esse Cristo vive como qualquer outro sujeito, tem dúvidas, anseios, sensações e sentimentos assim como nós. Esse Jesus não é aquele propagado pelo senso comum (com base na tradição cristã): ser dotado de luz e sabedoria, que veio para nos redimir dos pecados e nos ensinar os mandamentos de Deus. Nos referimos aqui, então, independentemente das narrações literais da Bíblia, muito mais às interpretações oferecidas e difundidas ao longo de décadas entre as comunidades humanas, que, assim, constituíram para si um Jesus Cristo que também personagem, porém significativamente distinto do Jesus saramaguiano. E é por isso que o narrador do romance, através de sua voz ou da voz dos pais de Jesus, brinca com o leitor sobre o poder da ficção de fazer sobreviver, de outra maneira, alguém que antes sagrado, em uma condição quase sobre-humana (porque além dos seres mortais comuns), torna-se agora terreno, assim como os outros que estão à sua volta.

Até a fase adulta de Jesus pouco temos, pela sua voz, sobre si mesmo. Somente após a morte de José – e posteriormente a Jesus herdar as sandálias de seu pai, herança que parece vir acompanhada, igualmente dos pesadelos do patriarca – é que a voz de Jesus começa a aparecer com mais frequência, sempre mediada pela perspectiva do narrador. Notamos que, por vezes, o narrador atua sobre a voz da personagem, tecendo comentários avaliativos, até mesmo irônicos, que sugerem as inquietações dessa diante de indagações tão ordinárias e seu desconforto diante das dúvidas geradas por aquele sonho e por desconhecer os acontecimentos do início de sua vida.

É nesse momento que nos deparamos com a personalidade de Jesus. Aquela imagem construída pela tradição religiosa cristã de homem paciente, bondoso e compreensivo turva-se diante do modo como ele fala com sua mãe Maria: “[...] Não fales do que não sabes, *cortou secamente* Jesus [...] Responderás a todas as perguntas que eu fizer” (SARAMAGO, 2005, p. 152, grifo nosso). Aparentemente poderíamos ler a primeira frase que apresentamos como um conselho do filho para a mãe, mas o comentário feito pelo narrador dá o indicativo de como a frase foi dita, construindo a atitude grosseira dele, dando também o tom com qual ele tratou a mãe durante essa conversa. Assim, vemos como se edifica a refiguração da personagem. Essa passagem é significativa porque, independente das atitudes de Jesus para com sua mãe trazidas pela Bíblia, o narrador aqui mexe com a maioria das interpretações feitas a partir do ideal de relação entre mãe e filho para as comunidades cristãs. Provavelmente, todas as concepções provenientes do entendimento humano de que os filhos devem tratar os pais com cautela e respeito, são fruto do quarto mandamento das Leis de Deus: “Honrar pai e mãe”. Sendo assim, o possível choque do leitor diante do tratamento dado a Maria por parte de Jesus resulta mais do nosso entendimento de lugar comum acerca da família cristã idealizada, do que do próprio Jesus como apresentado na Bíblia. Essa condição, por si, problematiza ainda mais a relação ficcional, uma vez que traz à tona o fato de que, não importando se tratamos de romance ou texto bíblico, o significado atribuído pelas interpretações dos respectivos leitores é de extrema relevância, sendo ele que garante as diferentes vidas (ou sobrevidas) dos seres referidos, acompanhados de suas características tornadas, por fim, intrínsecas.

Jesus desconhece boa parte dos acontecimentos relacionados ao seu nascimento – como o fato de ele ser, provavelmente, o rei prometido dos judeus, e, por isso, ter sua morte decretada pelo rei Herodes, quando ainda recém-nascido. Motivado pelas dúvidas oriundas de sua ignorância, Jesus sai em busca de conhecer e entender o seu passado, assim como a si mesmo, indo ao Templo e ao local onde havia nascido. A partir desse momento, acessamos as atitudes e pensamentos de Jesus Cristo, através da voz dele – mas na maior parte do tempo com intervenção do narrador –, como quando ocorre o diálogo com o escriba do Templo, sem que haja a direta intervenção do narrador com comentários, ou quando Cristo dialoga com o Diabo ou Maria Madalena, quando o narrador interfere de maneira mais direta. Desse modo, percebemos que o discurso do narrador não só relata a fala das personagens, como também as reproduz como se fossem suas, acrescentando a elas um novo tom, que as problematiza, subverte, ironiza.

Também é perceptível o quanto se chocam, no discurso narrativo, a perspectiva do narrador e a de Jesus, e o quanto a primeira é decisiva para a reconfiguração que a personagem ganha na narrativa de Saramago. Como quando Jesus está vivendo com o Diabo e ajudando-o a pastorear ovelhas:

Jesus disse, Vou-me embora, *mas não se moveu* [...] Enfim, Jesus deu alguns passos, abrindo caminho por entre as ovelhas, mas parou de repente e perguntou, que sabes tu de remorso e pesadelos, Que és o herdeiro de teu pai. Estas palavras não pôde Jesus suportar (SARAMAGO, 2005, p. 193).

Nesse momento, percebemos como o narrador revela e evidencia a contrariedade nas palavras e atos de Jesus, pois, mesmo falando ao diabo que se retiraria, não o faz. É importante lembrar aqui, destarte, os conflitos abordados por Nünning (2001) na contraposição entre perspectiva do narrador e perspectiva da personagem, sendo que nesse contraste o narrador consegue mostrar Jesus como uma personagem repleta de dúvidas, assim como a maioria dos seres humanos. Instala-se, por consequência, um choque entre o Jesus da tradição cristã, que sempre apresenta respostas sábias, por meio das parábolas bíblicas, a seus seguidores, e este outro Jesus que, aparentemente, não encontrou sequer as respostas a respeito de si mesmo.

Os sentimentos instáveis da personagem são novamente evidenciados quando o narrador aponta as atitudes contrárias às afirmações prévias do protagonista: “Não vou com ele, mas foi” (SARAMAGO, 2005, p. 197). Nesse mesmo excerto, novamente na confrontação entre as perspectivas do narrador e da personagem, indicia-se o embate interno de Jesus, a dúvida na oposição entre o que é o correto a se fazer e o que ele deseja. Isso pode ser entendido como o embate entre a imagem que temos de Cristo e a imagem que está sendo construída no romance, ligando-se, dessa maneira, à ideia de que cada vez que lemos ou contamos a história de uma personagem estamos dando-lhe uma sobrevida, resultante do nosso entendimento acerca dela.

O narrador também revela, aparentemente sem limites, os pensamentos, as sensações, os sentimentos e as percepções do protagonista. Desse modo, podemos dizer que esse narrador é onisciente e assume uma focalização zero: “[...] ele sabe o que se passa no céu e na terra, no presente e no passado, no íntimo de cada personagem” (D’ONOFRIO, 2007, p. 51); ele “[...] diz mais do que aquilo que qualquer personagem sabe” (GENETTE, 1995, p. 187, grifo do autor). No entanto, não podemos dizer que sua perspectiva é totalmente irrestrita, imparcial, como os termos “zero” ou “não focalizada” sugerem; pelo contrário, muitas vezes, o narrador utiliza-se da voz da personagem para tecer a sua própria crítica, ironizar a postura ou pensamento do personagem.

Segundo Ansgar Nünning, a perspectiva do narrador é dotada de uma visão de mundo subjetiva que, aliada à da personagem, ajuda o leitor a construir a perspectiva estruturante do texto. É por intermédio desse olhar e da voz do narrador que, no decorrer do romance, vemos o Jesus Cristo saramaguiano ganhando vida. Compreendemos que a refiguração da personagem no romance depende especialmente do contraste entre a perspectiva da personagem sobre si mesma e o mundo, e a perspectiva do narrador sobre as concepções da personagem.

Durante as passagens sobre o caso amoroso entre Jesus Cristo e Maria de Magdala, o retorno dele à casa de sua mãe, sua experiência de viver a pastorear ovelhas com o diabo, bem como a maneira como sua vida termina, percebemos que inúmeros detalhes acerca do protagonista podem ser encontrados nas intervenções realizadas pela instância narrativa, confirmando-se aquilo que Saramago afirma sobre seu narrador: “[...] o narrador nos meus romances tem um papel todo-poderoso” (AGUILERA, 2010, p. 247). À vista disso, essa voz narrativa auxilia na construção dessa personagem que vai além daquilo que conhecemos, constituindo-se em um outro ser ficcional que ganha (sobre)vida – uma (sobre)vida em que ambos (o Jesus da tradição cristã e o Jesus saramaguiano) não apenas se aproximam e se afastam, como se constroem na sua relação paradoxal.

O próprio narrador entrelaça ao enredo a ideia de que esse Jesus é uma refiguração, como podemos ver nos trechos grifados do excerto abaixo, que discorre sobre os encontros do Cristo saramaguiano durante sua trajetória:

Dizem os entendidos nas regras de bem contar contos que os encontros decisivos, tal como sucede na vida, *deverão vir entremeados e entrecruzar-se com mil outros de pouca ou nula importância, a fim de que o herói da história não se veja transformado em um ser de exceção a quem tudo poderá acontecer na vida, salvo vulgaridades*. E também dizem que é esse o processo narrativo que melhor serve o sempre desejado efeito de *verossimilhança*, pois se o episódio imaginado e descrito não é nem poderá tornar-se nunca em facto, em dado da realidade, e nela tomar lugar, ao menos que seja capaz de o parecer, não como no relato presente, em que de modo tão manifesto se abusou da confiança do leitor (SARAMAGO, 2005, p. 182-183).

No primeiro trecho grifado, nos deparamos, pela voz do narrador, com uma explicação em relação à narração daquilo que talvez, para muitos, não fosse relevante sobre Jesus (como seu dia a dia, por exemplo), ao invés de somente descrever os grandes feitos, como presentes na narrativa evangélica canônica. A título de exemplo com relação aos grandes feitos referidos, podemos citar o milagre da multiplicação de pães realizado por Jesus diante de seus discípulos (Jo 6.1-14), assim como uma passagem do Evangelho de Marcos (6.1-5):

Depois, ele [Jesus] partiu dali e foi para a sua pátria, seguido de seus discípulos. Quando chegou o dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitos o ouviam e, tomados de admiração, diziam: “Donde lhe vem isso? Que sabedoria é essa que lhe foi dada, e como se operam por suas mãos tão grandes milagres? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria, o irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?” [...] [Jesus] Não pôde [sic] fazer ali milagre algum. Curou apenas alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos (Mc 6.1-5)

Esse ser provido de sabedoria sobre-humana, na Bíblia, aparece, assim, pelo narrador saramaguiano, como um ser comum, mais próximo de nós, da nossa realidade, e não como entidade sagrada. Esse jogo proposto pelo narrador, em tom irônico sobre o modo de narrar, pode ser uma maneira de chamar a nossa atenção, enquanto leitores, para artimanhas e subtextos trazidos pelo enredo, mostrando que esse pode ser um jeito de reconfigurar uma personagem ficcional conhecida por nós.

No excerto abaixo, vemos como, apesar de ser uma releitura do Jesus Cristo como apresentado pela tradição canônica cristã, o Jesus saramaguiano mantém ligação com a história primeira, mas o narrador escolheu trazer à tona o aspecto humano da personagem:

Sendo Jesus o evidente herói deste evangelho, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar o que escreveram outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo no lugar de um Sim um Não, sendo Jesus esse herói e conhecidas as suas façanhas, ser-nos-ia muito fácil chegar ao pé dele e anunciar-lhe o futuro, o bom e maravilhoso que será a sua vida, milagres que darão de comer, outros que restituirão a saúde, um que vencerá a morte, mas não seria sensato fazê-lo, porque o moço, ainda que dotado para a religião e entendido em patriarcas e profetas, goza do robusto cepticismo próprio da sua idade e mandar-nos-ia passear. Mudará de ideias, claro está, quando se encontrar com Deus, *mas esse decisivo acontecimento não é para amanhã, daqui até lá ainda Jesus vai ter de subir e descer muito monte, mungir muita cabra e muita ovelha, ajudar a fabricar o queijo, ir à troca de produtos às aldeias* (SARAMAGO, 2005, p. 198-199, grifos nossos).

Assim, configura-se esse outro Jesus, não extremamente distante daquele bíblico conhecido por nós, embora tenha uma vida que vai além da vida deste último; uma vida resultante da interpretação de Saramago a seu respeito e, por fim, resultante da nossa interpretação como leitores.

Conclusão

Nessa obra de Saramago o narrador é ausente como personagem da história. No entanto, ele é a fonte que garante e organiza a narrativa, analisa e comenta tanto a história quanto o próprio discurso, diz tudo o que é possível e ao mesmo tempo o menos possível, criando, assim, um jogo literário com efeitos semânticos singulares para a construção da imagem do protagonista e de suas ações. Sua versatilidade também atinge o aproveitamento das vozes das personagens, ora simplesmente narradas ou contadas pelas palavras do narrador; ora transpostas, em estilo indireto, quando o discurso se impõe com a autonomia de uma citação; ora mimeticamente reportadas, quando o narrador finge ceder a palavra à personagem; todas geralmente expressas

sem o formato que a gramática tradicional exige para a apresentação do discurso alheio.

O fato de o narrador ser a voz predominante, e através da qual sabemos o que acontece com Jesus e descobrimos um pouco sobre a sua personalidade, traz à tona a maneira como a voz narrativa é utilizada, sobreposta às das demais personagens, a fim de expor diferentes pontos de vista acerca da história, contribuindo para a própria refiguração do protagonista.

Ao nos depararmos com essa perspectiva estruturante (NÜNNING, 2001), nós, como leitores, promovemos a nossa interpretação, sendo capazes de conectar os “vazios” do texto; ou seja, criamos então um enfoque próprio em relação à personagem e à história a ela relacionada. Essa nova leitura não é igual a nenhuma das conhecidas pelo senso comum, com base nas tradições evangélicas canônicas, e alimenta a sobrevida da personagem. Jesus Cristo não é mais somente o filho de Deus vindo para nos redimir dos pecados e passar os ensinamentos de seu pai; é também aquele que assumiu as características da leitura de Saramago, do narrador e as criadas por nossa interpretação.

Há, então, uma refiguração da personagem, que, a partir da perspectiva de Saramago, ganha uma outra personalidade que é, afinal, mais humana que a do “original”. Entretanto, é relevante lembrar que, mesmo sendo este Jesus outro, o discurso narrativo deixa sempre clara a dependência dele em relação àquele criado nos discursos religiosos. Assim, o leitor convive com o Jesus Cristo original, com o Jesus Cristo de Saramago, com o Jesus Cristo do narrador e essa concepção dinamiza a sobrevida da personagem.

Ao observar a leitura do romance que foi objeto de estudo, percebemos que o plurilinguismo com o qual nos deparamos ativa a sobrevida do protagonista, parecendo-nos “[...] o que há de mais vivo no romance” (CANDIDO *et al*, 1976, p. 54, grifo do autor). A construção dessa personagem, assim como a escolha dialógica que alimenta sua sobrevivência, são realizadas de modo a relativizar o fazer literário em si, atingindo com isso também outros discursos que o nutrem e circundam. É esse o modo pelo qual Saramago procura estimular a atividade crítica do leitor respondendo ao estímulo de articulador efetivo da multiplicidade de vozes e significações da obra.

Referências

A BÍBLIA sagrada: edição Pastoral-Catequética. 147. ed. Tradução dos originais hebraico e grego dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave-Maria, 2002. Edição Claretiana.

AGUILERA, Fernando G. (Org). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et. al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 51-80

D'OONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução de Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

NÜNNING, Ansgar. On the perspective structure of narrative texts: steps toward a constructivist narratology. In: PEER, Willie Van e CHATMAN, Seymour. **New perspectives on narrative perspective**. New York: State University of New York Press, 2001. p. 207-223.

REIS, Carlos. A sobrevida das personagens. In: _____. Estudos narrativos: estado da questão e a questão da personagem. **Figuras da ficção**, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: <<https://figurasdaficcao.wordpress.com/2012/09/23/a-sobrevida-das-personagens-1/>>. Acesso em: 20 jan. 2015

_____. Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem. In: REIS, Carlos; HENRIQUES, Marisa das Neves. **Revista de Estudos Literários: Personagem e Figuração**. Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, n. 4, 2014. p. 43-68.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.